

## “ **COMPAÑERO PÁDUA** ”

José Antônio de Ávila Sacramento

Passou por São João d'El-Rey, em 1943, a Cia. Teatral Cazarré, ocasião em que o grupo estava em dificuldades financeiras e a bilheteria “ia de mal a pior”. Os fatos então ocorridos e aqui relatados, além de estarem descritos no livro “Na Rolança do Tempo” (Edit. Civilização Brasileira S.A. Rio, 1976, pp. 268-70), foram também registrados numa das atas do Instituto Histórico e Geográfico local, na data de 01 de abril de 1979.

Conforme está bem registrado nos anais do IHG, o eminente Lauro Novaes explicou que a desorganização da Cia. Cazarré era muito grande, que parecia organizada às pressas, e não possuía nem mesmo um secretário eficiente, cargo que, nas companhias teatrais que excursionavam pelo interior, era básico para o sucesso, pois era necessário fazer a propaganda antecipada dos espetáculos. Continuando, alertou para outras razões daquele insucesso: a companhia aqui chegou e teve que recorrer a um ator amador local (que fora o próprio Novaes). E, quando, sentindo que precisavam levar uma peça a cartaz, ‘Deus lhe Pague’, de Juracy Camargo, e não tendo no seu conjunto de profissionais uma atriz a altura para interpretar ‘Nancy, esposa do mendigo’, papel chave para a peça, recorreram, mais uma vez, a outra amadora local, a qual, com apenas dois ou três ensaios, deu tão cabal desempenho ao papel que na última hora lhe fora confiado, que quiseram levá-la como integrante do con-

junto, não sendo possível porque ela já estava com o casamento marcado na cidade. Novaes termina afirmando que “apesar do total fracasso na organização, houve renda pela assistência dos espetáculos, mas mesmo assim, para deixar a cidade, a Cia. Teatral foi socorrida financeiramente pelo dr. Antônio Viegas.”

Aqui, na terra de Otto Lara Resende, aqueles atores foram socorridos moral e financeiramente pelo então prefeito dr. Antônio Viegas. O prefeito, certa noite, após um espetáculo, agindo cordialmente e objetivando levantar o ânimo do grupo, convidou e levou os atores para um bem elaborado jantar na casa do dr. José das Chagas Viegas, inventor do famoso tinteiro econômico. Naquela ocasião o dr. Viegas falou de suas invenções e, entusiasmado, apresentou aos atores o tinteiro econômico, apresentando a cada um com cerca de meia dúzia do invento, explicando que o artefato era à prova de tombo, que não sujava os dedos, nem a roupa dos alunos e nem as carteiras. Eles ignoraram a importância da invenção. Um dos atores sugeriu que o presente fosse jogado no Córrego do Lenheiro: “atiramos o ‘ricuerdo’ no riozinho que passa pela cidade. Talvez envenenássemos a população e, então, seria a glória! Para provar a genialidade do ‘Edison são-joanense’, também foi chutado um dos tinteiros até a porta do hotel, não se vendo sequer respingo de tinta na calçada!”. O tal invento, segundo os integrantes da Cia. Cazarré, “não

tinha o menor valor”. O escriba de “Na Rolança do Tempo” chegou a ironizar a amável acolhida que receberam nesta cidade, afirmando que pelo sim e pelo não, nunca mais iria passar em São João d'El-Rey, “cidadezinha na qual o maior orgulho do prefeito era um Cristo que ele colocou no alto de um morninho, desejo de imitar o do Rio”, desferindo suas críticas carregadas de ironia e desrespeito ao nosso Monumento do Cristo Redentor. Afirmou que “o que os consolava aqui era apenas a contemplação do que ainda restava do colonial português, os frades de pedra, os nichos nas paredes das ruas e os exemplares do jornal ‘L’ami du peuple’, o explosivo jornal de Marat, existente na Biblioteca Municipal.”

Esses lamentáveis episódios, acrescidos de outros deselegantes e irresponsáveis conceitos, menosprezando a nossa cidade e figuras do passado, feriram (e ferem) a nossa boa alma hospitaleira. Eles foram emitidos por um tal de “Compañero Pádua”, codinome usado como militante do PCB. Tratava-se de Mário de Pádua Jovita Correia do Lago, autor do livro supra citado, ou seja, o ator global Mário Lago, falecido recentemente. Naquela época, ele esteve em São João d'El-Rey, onde fora bem recebido e socorrido como um dos atores da Cia. Teatral Cazarré-Modesto de Souza...

Indivíduo ingrato (e também indelicado) era aquele tal de Mário Lago, não é mesmo?

TRIBUNA SANOANENSE

São João del-Rei - MG, ano XXXIV, edição 1100, 02 de julho de 2002, pág. 2